

## A SINESTESIA DOS SONS E A INDISCIPLINA INVOLUNTÁRIA: ACORDES E ACORDOS NA SALA DE AULA.

José Aclécio Dantas (IFPB)<sup>1</sup>  
Lilian Karla de Lima Souza Dantas (UFPB)<sup>2</sup>

### RESUMO

Este artigo trata de um segundo relato de experiência com música em sala de aula, como ação pedagógica da docência a partir de uma ação emergencial que ajudasse os alunos e o professor na equalização dos altos níveis de desatenção observados em sala de aula. Nosso objetivo principal é relatar as flexões de comportamento e de assimilação de conteúdos interdisciplinares a partir de uma aplicação empírica e didática da música clássica como objeto de intervenção nesses processos. O problema que observamos na turma de 5º ano do ensino fundamental de uma escola municipal de João Pessoa, com 32 alunos frequentes, era que os alunos ao retornarem da aula de Educação Física ou do horário de recreio regressavam sempre muito agitados, nervosos e barulhentos, fato esse que atrapalhava a rotina de sala no que diz respeito aos processos de Ensino e Aprendizagem. A metodologia aplicada foi se adequando ao objeto que se queria enfrentar, neste caso, a agitação e a indisciplina dela resultante. Foi o nosso objeto de intervenção que foi ditando as necessidades de ações metodológicas dentro do plano geral. Depois de 6 (seis) meses de intervenção observamos determinadas mudanças nos padrões comportamentais nos alunos, nos níveis de atenção, na participação ativa dos alunos e nos níveis de aprendizagem.

**Palavras-chave:** Música clássica, relaxamento, comportamento, indisciplina involuntária, aprendizagem.

### INTRODUÇÃO

Este artigo, como ocorrido com as primeiras impressões registradas<sup>3</sup> não tem a intenção de analisar psicologicamente os efeitos sinestésicos da música nos indivíduos singulares em sala de aula, nem tampouco analisar os constructos neurais de tais efeitos nos alunos, isso fugiria de nossos objetivos principais: relatar as flexões de comportamento e de assimilação de conteúdos interdisciplinares a partir de uma aplicação empírica e didática da música clássica como objeto de intervenção nesses processos; promover momentos de desaceleração e enquadramento dos ritmos corporais dos alunos aos requisitos básicos comportamentais para o desenvolvimento da aprendizagem em sala de aula.

---

<sup>1</sup> Pedagogo, especialista em gestão escolar e coordenação pedagógica, especialista em educação em e para os Direitos humanos, Assistente social e Mestre em Serviço Social. Docente da Educação Básica. E-mail: [acleciodantas@yahoo.com.br](mailto:acleciodantas@yahoo.com.br)

<sup>2</sup> Graduanda em letras pela Universidade Federal da Paraíba e docente da educação básica. E-mail: [liliankarla22@hotmail.com](mailto:liliankarla22@hotmail.com)

<sup>3</sup> Este artigo é uma segunda análise sobre uma experiência de intervenção pedagógica em sala de aula, sendo as primeiras impressões desta intervenção apresentadas no III CONEPI - Congresso Nacional em Educação e Práticas Interdisciplinares, em um artigo intitulado: O efeito sinestésico da música em sala de aula: um recurso extratético contra a indisciplina.

Como se trata de um relato de experiência em sala de aula, o método que adotamos norteou-se, dentro de algumas ações pedagógicas da docência, a partir de uma ação emergencial que ajudasse os alunos e o professor regente de sala na equalização dos altos níveis de desatenção provocados, na maioria dos casos, pelas agitações comuns entre alunos pré-adolescentes, especificamente entre os alunos na faixa etária dos 9 aos 12 anos de idade, período que, em geral, estão cursando o 5º ano do ensino fundamental.

Dado esse caráter emergencial da intervenção, a metodologia aplicada foi se adequando ao objeto que se queria enfrentar, neste caso, a agitação e a indisciplina dela resultante. Foi o nosso objeto de intervenção que foi ditando as necessidades de ações metodológicas dentro do plano geral.

Destarte, as únicas ações predeterminadas estavam inscritas dentro como apresentação musical de peças musicais clássicas pré-escolhidas e a posição de relaxamento no próprio conjunto de mesa e cadeira individuais de cada aluno, como seu espaço privado de contemplação.

O problema que observamos desde o ano letivo de 2018 em nossa turma de 4º ano do ensino Fundamental I, e que se estendeu em 2019, no mesmo grupo de alunos que avançou para o 5º ano do ensino fundamental de uma escola municipal de João Pessoa, com 32 alunos frequentes, do qual continuamos como regente de sala, era que os alunos sempre que retornavam da aula de Educação Física ou do horário de recreio regressavam sempre muito agitados, nervosos, inquietos e barulhentos; fato esse que atrapalhava a rotina de sala no que diz respeito aos processos de ensino e aprendizagem, além de causar um enorme desperdício de tempo pedagógico, que deveria ser utilizado para a aprendizagem, em questões de promoção da harmonia em sala de aula antes do início real do retorno às aulas.

Tal fato se agravava sempre que o recreio e a educação física aconteciam em horários não sucessivos, ou seja, quando existia um intervalo de tempo entre eles. Nesses dias a produção intelectual dos alunos em sala era quase irrealizável dado a duplicidade de momentos de agitação física promovidos pelo recreio e pela Educação Física. Nesses dias os alunos saíam para a Educação física, regressavam muito agitados depois de uma hora, permaneciam em sala por 30 (trinta) minutos e depois saíam para o recreio. Assim, quase todo o tempo disponível para as atividades de aprendizagem eram desperdiçadas na tentativa de acalmar e organizar a sala.

Vale salientar que as intervenções realizadas não foram utilizadas como uma estratégia de totalizar o silêncio em sala de aula, até porque temos a compreensão que silêncio total em salas de Ensino Fundamental I pode ser também um fomento à coerção e a falta de espaço para

indagação, cogitação ou problematização por parte do aluno daquilo que ele está assimilando. No entanto, padrões mínimos de atenção, concentração e por assim dizer silêncio são necessários para a concretização do processo de aprendizagem.

Este artigo é resultado de um segundo momento de avaliação das atividades de intervenção, ocorrido 6 (seis) meses após o início das ações interventivas que aconteceram logo após o início do ano letivo. Principalmente porque agrega as variações de comportamentos observadas depois de um período de recesso escolar, no qual os alunos “desacostumaram” com as rotinas da sala de aula.

A importância deste relato de experiência está no compartilhamento de todos acertos e erros que podem permear as ações integrativas da pedagogia aplicada em salas de aulas que vivenciam as mesmas dificuldades e necessidades da nossa sala de aula, suscitando o debate docente sobre os métodos que podem ser mais eficazes para o pleno desenvolvimento das atividades letivas desenvolvidas no âmbito escolar. Além de fomentar e ampliar o rol de possibilidades docentes de manejo de sala, como forma de construir significados para a realidade cotidiana escolar sem abrir mão da capacidade criadora e do pensamento reflexivamente crítico.

#### **A indisciplina motivada pela ação involuntária de um corpo agitado<sup>4</sup>.**

Inicialmente precisamos esclarecer qual tipo de indisciplina estamos tratando, visto que, entre os pressupostos concretos e teóricos que envolvem os conceitos e definições de indisciplina repousam um universo diversificado de determinantes e condicionantes sociais, epistemológicos, políticos, e até, econômicos. Apesar de indicarmos que a indisciplina que pontuamos neste artigo é aquela gerada por uma ação involuntária de um corpo agitado, não podemos concluir, de imediato, que nesta forma de indisciplina não resida, também, motivações voluntárias, até porque, depois de incitados os atos indisciplinados, no calor das ações, mesmo gerados por ações involuntárias os ânimos podem culminar em ações bem intencionais.

Precisamos, também, delimitar certa noção que determina a indisciplina como uma “desobediência” (TAILLE,1996) que se porta, em relação a algum padrão normativo estabelecido<sup>5</sup>. Até porque, toda indisciplina precisa ser analisada de forma relativa, pois existe

---

<sup>4</sup> Replicamos aqui, de forma revisada, os tópicos e fundamentações teóricas de nosso artigo intitulado: O efeito sinestésico da música em sala de aula: um recurso extratético contra a indisciplina.

<sup>5</sup> Para França (1996), a indisciplina é um ato entendido sem relação com as leis e normas instituídas por uma comunidade.

uma infinidade de variáveis que interferem nos comportamentos humanos em geral, e assim, nas relações sociais entre os indivíduos; e de certa forma, nenhuma indisciplina deve ser definida de maneira absoluta, pois as diversas formas de indisciplina não pode derivar diretamente de uma única causalidade, ou mesmo, desenvolver efeitos absolutamente únicos. Além que, uma indisciplina absoluta, tomada do ponto de vista pedagógico, representaria um caos social total no microuniverso da escola. Todo determinismo é no mínimo suspeitado.

Esse caráter relativo da (in)disciplina estará comumente dependente de fatores exógenos, positivos ou negativos, como de fatores endógenos em relação a dualidade dos padrões de domínio e influência exercidos na relação recíproca, porém não menos conflitante e desigual, entre o poder exercido predominantemente de qualquer espécie e o contra poder exercido pelos grupos dominados.

Dentre os vários fatores que podem relativizar os atos indisciplinares poderíamos citar a imposição arbitrária de normas unilaterais de convivência, que leva em consideração apenas o interesse de um dos grupos envolvidos; os padrões instáveis de interpretações possíveis de cada normativa, a partir da concepção de cada grupo envolvido; a falta de argumentos válidos para justificar as normas implantadas; as condições sensíveis de cada subjetividade participante; as conjunturas e circunstâncias de cada evento; a qualificação dos elementos ou agentes indutores; a valorização ou a identificação com o poder representado pela norma e até o conjunto numérico de indivíduos que representam cada lado da relação.

Todos esses, entre outros, são fatores que podem influenciar tanto positivamente quanto negativamente, em maior ou em menor medida, nos atos considerados indisciplinares no ambiente escolar.

No que se refere às questões que envolvem a indisciplina no ambiente escolar, vale pensar que tipo de escola estamos considerando nesta narrativa, uma escola que se volta a produção e reprodução de uma cultura ou aquela que estritamente se volta a produção de força de trabalho para um modo de produção que se ancora na desigualdade de classe, pois “[...] a escola sempre foi uma arma nas mãos das classes dirigentes. Mas essas não tinham nenhum interesse em revelar o caráter de classe da escola” (PISTRAK, 2011, p.23). Para Petitat (1994) esse conflito teórico se concentra na oposição entre escola produtiva e escola reprodutiva, não formando similitudes entre o termo “produtiva” e o termo “modo de produção”<sup>6</sup>, apesar que ambos se imbricam em certos momentos históricos. Para Petitat (1994, p.261):

---

<sup>6</sup> O termo produtiva no texto citado se direciona à produção cultural de uma sociedade e não como similar ao termo “produtiva” resultado de um modo de produção material de uma dada sociedade.

A oposição entre escola produtiva e escola reprodutiva está diretamente ligada ao conflito maior, que dilacera a sociedade desta época. Em um primeiro pólo, temos a idéia de uma escola que traz contribuição ativa para as transformações sociais, para o advento da democracia e da república, para o recuo do "obscurantismo religioso", da ignorância, etc. Em um segundo pólo, não cessam de ser lembradas as virtudes da escola para a internalização de hábitos ordeiros, disciplinados, submissos à ordem monárquica — ou oligárquica — de direito divino.

Mas por que isso é relevante? Primeiramente, porque os fins aos quais a escola se propõe determinam os tipos de sanções, normas, exigências e direção adotadas pelos grupos que as controlam. As escolas concebidas para a reprodução cultural obedecerão as diretrizes postas pelos diversos grupos culturais, enquanto as escolas do trabalho serão regidas preferencialmente pelos interesses sistêmicos do capital, e isso já é um fator determinante de diferenças que podem relativizar ainda mais os atos indisciplinados. Até porque, muitos atos considerados indisciplinados, neste último tipo de escola, podem ter sido atos contradisciplinados voltados não diretamente à norma estabelecida mas ao sistema por traz da norma. Portanto, essas diretrizes e interesses sistêmicos não são determinados coercitivamente no espaço escolar sem resistência daqueles que a eles se opõem.

A indisciplina é um dos assuntos educacionais mais abordados entre os pesquisadores e textos científicos, seja quando tratada do ponto de vista da aprendizagem, ou da falta desta; quando é abordada como uma das expressões resultantes das diversas violências observadas no universo escolar ou quando é tratada como uma falta de limites e valores trabalhados pela família. A indisciplina tornou-se assim um dos grandes desafios para a escola contemporânea.

Autores como Foucault (1979, 2012) que tratou das relações entre poder e disciplina; De La Taille, (1999) que estabelece uma relação entre o sentimento de vergonha, a indisciplina e a moralidade; Aquino (1996, 2003), que levantou questões referentes a relação professor-aluno e a desordem; Araújo (1996, 1999) que abordou o respeito e a autoridade na escola e sua relação com a indisciplina, são alguns dos autores que se tornaram referência na abordagem de algumas das diversas variáveis que influem nas questões disciplinares no ambiente escolar.

Outros como (ALMEIDA, 1986; FREITAS, 1989; FREIRE, 1990) optaram por denunciar a sacralização do silêncio em sala de aula como expressão da ordem e das condições favoráveis para a aprendizagem.

O psiquiatra Içami Tiba enumera em seu livro “Disciplina, limite na medida certa”, ao menos, 20 principais motivos para os atos indisciplinados na escola, dos quais encontramos:

Distúrbios de ordem pessoal: psiquiátricos; neurológicos; deficiência mental; distúrbios de personalidade; distúrbios neuróticos; etapas do desenvolvimento: confusão pubertária; onipotência pubertária; estirão; menarca/ mutação; onipotência

juvenil; síndrome da quinta série; distúrbios “normóticos” ; distúrbios leves de comportamento; uso e abuso de drogas. Distúrbios relacionais: educativos; entre os próprios colegas; por influência de amigos; distorções de auto-estima. Distúrbios e desmandos de professores. Analisaremos, agora, cada uma dessas causas. (TIBA, 1996, sp)

Mesmo assim, não encontramos neste autor nenhuma referência ao tipo de indisciplina que estamos abordando neste artigo: a indisciplina involuntária de um corpo agitado.

Levemos em consideração, hipoteticamente, a inexistência da maioria desses fatores para considerar determinados atos indisciplinados apenas como atos involuntários<sup>7</sup>. Pois, a criança “[...] é, por natureza, inquieta. Sente necessidade de correr, pular, brincar. Ela, tendo espaço e oportunidade, naturalmente executa seus movimentos” (Brito, 2003, p.55).

O dicionário Houaiss (2002) define o termo involuntário como aquilo: “[...] que se realiza sem intervenção da vontade ou que foge ao controle desta; automático, inconsciente; espontâneo. 2 que se encontra em uma dada situação sem o desejar; forçado, obrigado [...]”.

Essa possibilidade de fuga do controle é um dos parâmetros que gostaríamos de considerar dentro dessa nossa exposição, pois a rotina escolar muitas vezes se encarrega do estabelecimento de situações que forçam os alunos a atos físicos e linguísticos descontrolados. Não que elas intencionem isso, mas esses atos físicos e linguísticos descontrolados surtem como um efeito naturalizado de determinadas atividades escolares.

Por exemplo, em nossa escola as turmas de 4º e 5º anos recebem anualmente um programa de combate ao uso de drogas chamado PROERD, promovido pela polícia militar de do estado da Paraíba, um curso dividido em aulas semanais de 40 minutos. Nesse curso, determinados policiais monitores incentivavam os alunos a responderem coletivamente sempre em tons elevados de voz (como nos quartéis), ou mesmo baterem nas carteiras escolares como forma de excitação pela realização, naquele dia, do encontro do programa naquela sala de aula. Enquanto outros policiais monitores, em outras salas, não utilizavam tal estratégia. O resultado de tal diferença atitudinal em sala de aula era que os professores das turmas, o nosso caso, por exemplo, que adotavam os gritos de “ordem” propostos pelos primeiros monitores recebiam suas turmas muito mais agitadas do que as turmas do segundo grupo, forçando o regente da sala a desprender uma determinada soma de tempo para acalmar a turma, para assim, reiniciar as atividades pedagógicas.

---

<sup>7</sup> Tal involuntarismo se define também de forma relativa, por não existir atos sociais totalmente desprovidos de consciência por parte do sujeito.

A diversidade dinâmica da rotina na escola, como instituição formadora, faz os alunos do fundamental I<sup>8</sup> transitarem entre momentos de agitação, característicos das atividades físicas ou recreativas<sup>9</sup>, e momentos de aquietação necessários para as atividades de aprendizagem<sup>10</sup>. É relevante pensar que a escola promove simultaneamente momentos de agitação enquanto exige incondicionalmente a disciplina como sinônimo de silêncio, aquietação, ordem e harmonia, gerando um conflito entre as ações promovidas e o comportamento esperado.

Esse conflito é, ao mesmo tempo, necessário para a amplitude do alcance da educação nas subjetividades atendidas pelas práticas pedagógicas em geral, como é gerador de alguns outros conflitos imanentes que negativizam alguns confrontos no espaço escolar, principalmente entre supervisores e alunos, direção e alunos, professores e alunos.

A sucessão desses confrontos negativos gerados por muitos atos involuntários, do qual a própria rotina escolar impõe aos alunos pode ser uma das causas da percepção distorcida, por parte de alguns profissionais da educação responsáveis pela ordem no ambiente escolar, ao considerarem equivocadamente “toda” expressão motora dos alunos como atos indisciplinares individualizando, moralizando e naturalizando a suposta infração. No pior dos casos, a indisciplina é ligada à natureza própria de cada aluno estabelecendo as condições de sua estigmatização.

O aluno reincidente, fato quase impossível de se evitar dado a própria característica reincidente das atividades escolares que estimulam a agitação primordial, é tipificado como um aluno desobediente ou bagunceiro, quando na verdade ele apenas responde a estímulos vindo das próprias atividades pedagógicas realizadas no ambiente escolar.

### **A metodologia da intervenção aplicada**

Esta intervenção não nasceu de um projeto que prévio uma ação, mas de um problema que acarretou energicamente a necessidade de intervenção imediata, pois sempre que os alunos regressavam à sala de aula de alguma atividade que estimulasse a agitação, como a aula de Educação Física ou o horário de recreio, o desenvolvimento da aula nas primeiras dezenas de minutos ficava organizadamente inviável. Isso porque, eles não conseguiam a concentração

---

<sup>8</sup> Em nossa unidade escolar o recreio dos alunos do Fundamental II é menos agitado (correrias) porque os alunos em face da adolescência preferem formar grupos de conversa, praticar alguns esportes na quadra e alguns jogos de tabuleiro nas dependências da escola, o que não ocorre entre os alunos do fundamental I.

<sup>9</sup> Poderíamos também acrescentar alguns tipos de dinâmicas utilizadas pelos regentes de sala.

<sup>10</sup> De forma alguma afirmando que nas atividades de agitação não existam atividades de aprendizagem, mas sim que determinados currículos necessitam um pouco mais de atenção do que outros.

adequada para a fixação dos conteúdos curriculares da aula ou perdíamos muito tempo útil em processos de pacificação do ambiente de sala de aula.

Esse caráter imediatista de nossa necessidade mais emergente condicionou o nosso método que foi se adaptando ao nosso objeto de intervenção, ao passo que o problema respondia tanto positivamente quanto de forma negativa às ações de nossa intervenção. Planejamos uma intervenção básica que consistiria na apresentação de uma música de relaxamento enquanto os alunos ficariam sentados em suas carteiras, de cabeça baixa e olhos fechados.

Adquirimos um som portátil com a potência de 40w que, com o andamento do projeto, se mostrou insuficiente dado o alto barulho de outros alunos nos corredores da escola no retorno gradativo do recreio<sup>11</sup>. Então houve a necessidade posterior da aquisição de um com 80w de potência. Escolhemos antecipadamente músicas de relaxamento do tipo “sons da floresta”, “sons da natureza” ou “sons das águas”, que foram gravadas na memória do celular e que seriam transmitidas via “bluetooth”<sup>12</sup>

No dia marcado iniciamos a intervenção explicando aos alunos os motivos e os tipos de ações esperadas da intervenção. Quando os alunos regressaram para a sala de aula a luz já estava apagada e o som tocando, assim todos se dirigiram aos seus lugares ao passo que eram orientados a ficarem quietos e relaxarem.

Nos primeiros meses de intervenção observamos que algumas músicas instrumentais não estavam surtindo os efeitos esperados no quesito relaxamento, pois, os alunos estavam de forma simulada e disfarçada imitando sons de animais ou batucando por baixo das bancas enquanto a música tocava. Assim fomos experimentando várias opções de músicas instrumentais ao violão, piano, sax, hits instrumentais internacionais, música barroca, música clássicas antigas, entre outras. Com o passar do tempo observamos que as músicas clássicas contemporâneas tocadas ao piano trazia respostas mais positivas em relação ao objetivos pretendidos: acalmar a agitação física dos alunos.

Simultaneamente diminuímos a luminosidade natural da sala e solicitamos aos profissionais da escola que não atrapalhassem o relaxamento com avisos, comunicações ou quaisquer outras interferências.

---

<sup>11</sup> Em nossa escola por questões de logística e espaço o horário do recreio é dividido em dois horários, então enquanto algumas turmas estão na sala outras estão recreando, ampliando o espaço de tempo do barulho desta atividade.

<sup>12</sup> Tipo de recurso eletrônico disponível em computadores, celulares e aparelhos de som que transferi arquivos de um aparelho para outro sem o uso de redes de internet.



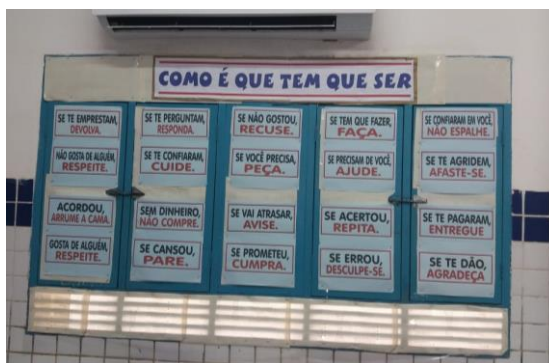


Figura 01 – foto da janela coberta e decorada.

O tempo de relaxamento também foi se alterando com o passar do tempo. Portanto, concordamos que entre 7 a 10 minutos tornou-se o espaço de execução mais ideal, de acordo com o grau de agitação dos alunos.

Toda semana explicávamos logo após o momento de relaxamento quais eram os fatores que estavam sendo trabalhados com tal atividade pedagógica e quais os objetivos pretendidos, da mesma forma que se explicava quais eram as atitudes que esperávamos deles, como não balançar pernas e braços, permanecer com os olhos fechados e a cabeça reclinada sobre os braços na mesa.

### **Resultados parciais obtidos após 6 meses de intervenção.**

Depois de 6 (seis) meses de intervenção, sem deixa-lo de executar um único dia sequer, passamos observar determinadas mudanças comportamentais nos alunos que merecem uma descrição detalhada.

O primeiro resultado positivo observado foi a participação espontânea dos alunos nos momentos de relaxamento, ou seja, assim que abríamos a porta para os alunos entrarem na sala de aula eles logo tomavam seus lugares de forma ordenada e calma e já se colocavam nas posições costumeiras sem precisar de nossas intervenções. Normalmente, um ou dois alunos relutantes demoravam um pouco mais para se concentrar.

O segundo efeito positivo observado foi a concentração dos alunos e a participação nas aulas expositivas que se seguiam ao momento de relaxamento. Percebemos que com o passar do tempo nas aulas finais depois do recreio e do relaxamento os alunos estavam com um grau de atenção mais apurado tornando a assimilação dos conteúdos mais acessível para a turma como um todo. Logo percebemos que em vez de utilizar o momento para a cópia dos exercícios

para casa, como anteriormente era feito, esse período de aula foi destinado para a aprendizagem dos conteúdos principais do dia e seus descritores.

Muitos alunos que tinham problemas de concentração, e por isso também de assimilação dos conteúdos trabalhados em sala de aula, passaram a participar da construção coletiva do conhecimento de forma mais ativa respondendo aos questionamentos levantados pelo regente da sala.

Se a forma de avaliar a assimilação do conteúdo for pela participação durante as respostas aos questionamentos do professor houve realmente um incremento desta após as atividades pedagógicas de relaxamento.

Uma terceira positividade foi a reposição do tempo pedagógico que era negativamente desperdiçado com as agitações puderam ser substituídos por atividades de aprendizagem. Um ganho real de tempo e produtividade. Ocasionalmente, após dois bimestres letivos, determinada melhora nos padrões das notas obtidas pela maioria dos alunos nas avaliações.

Como pontos negativos apontamos a relutância de alguns alunos, normalmente os menos comportados ou aqueles que tinham traços de hiperatividade, em se concentrar e deixar de fazer movimentos com pés e mãos. Neste sentido, observamos como alguns alunos estão tão acostumados com a agitação que não conseguem acalmar o corpo e a mente facilmente. Outro ponto negativo, foi observado logo após o período de recesso escolar de festas juninas, pois os alunos retornaram muito agitados e desacostumados com a rotina do relaxamento que tinham em sala de aula, precisando intensificar as orientações e aumentar dois minutos no tempo final de relaxamento.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Como essa intervenção será realizada até o final do ano letivo, os resultados obtidos após 6 (seis meses) de intervenção são dados parciais que serão atualizados bimestralmente até o encerramento do ano letivo, quando a mensuração dos resultados poderá ser obtida a partir da progressão das notas avaliativas das provas bimestrais, como um dos recursos avaliativos. As formas avaliativas perpassaram os níveis comportamentais; a participação nos debates e respostas aos questionamentos, a progressão dos níveis de notas e o desenvolvimento afetivo, sentimental, linguístico e sensitivo dos alunos.

Como o objetivo principal era a solução do problema da agitação corporal e linguístico dos alunos quando regressavam das atividades de educação física, recreio e atividades similares, no sentido de ajuda-los a adquirir um grau mínimo de concentração ideal para a produção do

(83) 3322.3222

[contato@conedu.com.br](mailto:contato@conedu.com.br)

[www.conedu.com.br](http://www.conedu.com.br)

conhecimento e assimilação dos conteúdos letivos das disciplinas, essa intervenção após 6 (seis) meses de aplicação já tem conseguido alcançar muitos resultados positivos. Os alunos estão se expressando melhor, compreendendo a necessidade de níveis mínimos de atenção e silêncio, e conseguindo avançar na assimilação dos conteúdos propostos pelo docente.

Mesmo assim, com tão pouco tempo de intervenção podemos salientar que as ações realizadas estão alcançado e superando as expectativas que foram criadas no início da intervenção.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Milton José. O corpo, a aula, a disciplina, a ciência... In: **Revista Educação e Sociedade**. 7 (21): p. 146 - 149. São Paulo: Cortez, maio/agosto, 1986.

AQUINO, Julio Groppa. (Org.) **Indisciplina na escola: alternativas teóricas e práticas**. São Paulo: Summus, 1996.

\_\_\_\_\_. **Indisciplina: o contraponto das escolas democráticas**. São Paulo: Moderna, 2003.

ARAÚJO, U. F. (1996). Moralidade e indisciplina: uma leitura possível a partir do referencial piagetiano. In: AQUINO, J. G. **Indisciplina na escola: alternativas práticas e teóricas** (pp. 103-116). São Paulo: Summus Editorial.

ARAÚJO, U.F. **Conto de escola: a vergonha como um regulador moral**. São Paulo: Editora Moderna, 1999.

BRITO, Teca Alencar de. **Música na educação infantil**. São Paulo: Peirópolis, 2003.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

\_\_\_\_\_. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. 40 ed. Petrópolis: Vozes, 2012.

FRANÇA, Sônia A. Moreira. A indisciplina como matéria do trabalho ético e político. In: AQUINO, Julio Groppa. (Org.) **Indisciplina na escola: alternativas teóricas e práticas**. São Paulo: Summus, 1996

FREIRE, Paulo. **Medo e ousadia**. 3 ed. São Paulo: Paz e Terra, 1990.

FREITAS, Lia. **A produção da ignorância na escola**. São Paulo: Cortez, 1989.

HOUAISS, A. **Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva. Versão 1.0. 1 [CD-ROM]. 2002.

TIBA, Içami. **Disciplina, limite na medida certa**. São Paulo: Editora Gente, 1996.

PETITAT, André. **Produção da escola/produção da sociedade**; análise sócio-histórica de alguns momentos decisivos da evolução escolar no ocidente. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

PISTRAK, Moisey Mikhaylovich. **Fundamentos da escola do trabalho**. Tradução de Daniel Aarão Reis Filho. 3.ed. São Paulo: Expressão Popular, 2011.

TAILLE, Yves de La. A indisciplina e o sentimento de vergonha. In: AQUINO, Julio Groppa. (Org.). **Indisciplina na escola**: alternativas teóricas e práticas. São Paulo: Summus, 1996.